



A
RETIRADA
DA LAGUNA

No tempo em que havia Educação Moral e Cívica nas escolas, conheciam os brasileiros os fastos da Pátria. As grandes proezas eram celebradas com sentimento de gratidão para com os que formaram o Brasil, defenderam-lhe as fronteiras contra a penetração estrangeira, e nos legaram, íntegro, o grande território que foi objeto da colonização portuguesa, entre os séculos XVI e XIX. E a glória militar, conquistada nas lutas contra os holandeses – quando se começou a formar a consciência da Pátria – e nas guerras do Prata e do Paraguai, era cultivada com entusiasmo.

Desgraçadamente, aqueles ensinamentos foram abolidos dos currículos escolares. E agora estamos a ver a passagem do primeiro centenário dos grandes feitos de armas de guerra do Paraguai com comemorações apenas nos quartéis, sem eco nas escolas, nas associações, nas assembléias políticas e nas ruas. Os centenários da fabulosa batalha naval de Riachuelo, a 11 de junho de 1965; da redenção de Uruguaiana, a 18 de setembro do mesmo ano; da batalha do Passo da Pátria, a 17 de abril de 1965; da primeira batalha de Tuiuti, a 24 de maio; e já agora, o centenário da Retirada da Laguna, passaram sem que o destemor e sacrifício dos heróis haja merecido uma peregrinação da Nação inteira ao altar da Pátria.

* * *

A 7 de maio, apenas uma cerimônia foi realizada, na Praia Vermelha, ao pé do monumento aos bravos de Laguna e Dourados. Mas a Nação se omitiu. Entretanto, a Retirada da Laguna é um dos grandes feitos da História como exemplo de resistência, bravura, constância e amor à Pátria. É possível e mesmo provável que outros tenham acontecido. Mas foram esquecidos pela falta de um historiador que os conservasse para a posteridade.

Alfredo d'Escragolle Taunay, que foi aquele historiador, cita, no prefácio do poema épico, com prosa, com que imortalizou aquela saga, as retiradas famosas de Altenheim, conduzida pelo Marechal de Lorge; de Praga, pelo Conde Belle Isle; de Plaffenhofen, por Turenne; da Talavera, por Wellington. São, porém, conhecidas apenas dos especialistas da história militar. Não acontece o mesmo com a Retirada dos Dez Mil porque, embora militarmente menos importante, foi comandada e também descrita por um grande escritor: Xenofonte.

Demonstra-se com ela que o verbo é que imortaliza a ação. Pois a Taunay, como se disse na manifestação que lhe foi feita, quando de demitiu do Exército, "Deus concedeu a pena que Xenofonte deixara cair, havia dois mil anos, nos desertos da Ásia Menor".

Taunay acompanhara a expedição como segundo-tenente de artilharia, e tomara parte em seus lances, sofrendo a fome e a fadiga, e enfrentando o inimigo, a pestilência dos pantanais, as febres, o beribéri e a cólera-morbo, que dizimou a maior parte dos seus companheiros de jornada. De regresso, a instâncias do seu pai, Feliz Taunay, então diretor da Academia de Belas-Artes, escreveu-lhe a epopéia, quando tinha apenas vinte e cinco anos.

Revelou, já então, o talento literário que haveria de consagrá-lo, posteriormente, como um dos príncipes das letras brasileiras, autor de dezenas de livros de história e de ficção, entre os quais "Inocência", um clássico traduzido nas principais línguas do Mundo. E seria o domínio do verbo falado e escrito que o levaria também à política, fazendo dele Presidente das Províncias de Santa Catarina e Paraná, e Senador do Império.

* * *

A "Retirada da Laguna" foi escrita em francês, logo depois da guerra do Paraguai, onde Taunay, depois das peripécias da Retirada – levada a cabo por uma coluna que a Nação, durante meses e meses, reputara inteiramente perdida –, ainda serviu como secretário do Estado-Maior do Conde d'EU, e acompanhou a luta até o fim, assistindo aos sangrentos encontros de Peribebuguí e Campo Grande.

Foi publicada pela Imprensa Nacional, em 1871, não despertando, então, maior interesse, a não ser referências do Conde, a quem enviara um exemplar, e uma carta consagradora de Caxias. "O jornalismo não lhe deu a menor importância", confessa na obra "Trechos de Minha Vida", trazida à luz, em 1922, por seu filho Afonso d'Escragnolle Taunay, o grande historiador das Bandeiras.

Mas, três anos depois, em 1874, foi traduzida para o português por Salvador de Mendonça, amiudando-se, então, as edições. Em 1901, apareceu nova tradução do barão de Ramiz Galvão. Muito posteriormente, surgiu outra, esta de Afonso de Taunay, que quis ligar o nome à herança literária paterna.

A fama da obra, depois da tradução de 1874, atravessou fronteiras. Em 1879, saiu uma edição francesa, em Paris, que foi reeditada em 1891. Em 1913, foi-lhe dada nova impressão, esta na cidade de Tours. No entretempo, foi traduzida para o alemão, pelo Conselheiro Schneider, leitor do Imperador Guilherme I, da Alemanha; para o sueco, pelo cavaleiro Rosen; e para o espanhol, pelo escritor S. Maramaya.

Por que tamanho êxito? Pela grandeza do assunto e pelo estilo eloquente e plástico do autor. Os críticos receberam-na como a dramatização de um episódio histórico mais importante que a própria Retirada dos Dez Mil, de Xenofonte. Ernesto Aimé, que escreveu em Paris, em 1890, o prefácio para a terceira edição francesa, afirmou, então: "Estes dez mil gregos, perfeitamente armados, sempre largamente abastecidos, só encontraram pela frente populações incapazes de lhes suportar o embate, deixando-lhes quase sempre o passo franco, após poucos mortíferos combates, e abandonando aos vencedores despojos que os mantiveram em abundância durante toda a marcha militar através da Ásia. Os escravos e até as cortesãs jamais lhes faltaram; salvo alguns dias de geada, nada tiveram de sofrer da inclemência das estações; e foi cheios de vigor, vergando ao peso das presas, que puderam escolher o caminho para voltar à Pátria. Que contraste com a luta heróica deste punhado de brasileiros, na maioria alheios às fadigas da guerra, a lutar com todas as dificuldades do terreno; as chuvas torrenciais; a insuficiência das munições; o esgotamento de longa fome; as devastações fulminantes da cólera e a perseguição encarniçada de um inimigo perfeitamente provido de tudo; atacando de longe, dia e noite, não hesitando em envolver aquela brava tropa num oceano de fogo, que a teria devorado, não fossem os prodígios de energia e a presença de espírito desse admirável Lopes, maior do que muitos heróis de Homero!"

* * *

A Retirada da Laguna verificou-se em meados de 1867. Mas os antecedentes da expedição remonta aos primeiros dias de guerra, quando o governo imperial teve notícias da invasão de Mato Grosso pelas forças de Lopes. O inimigo principal não foram, contudo, os paraguaios, mas a distância, os cerrados e as selvas a transpor, os pantanais e as febres. Todas as vezes que a coluna defrontou com a força paraguaia, mesmo nas mais gritantes condições de inferioridade militar, venceu-a. Como Napoleão na Rússia, foi batida, não pelo inimigo, mas pela inclemência da natureza. Só graças à fibra dos seus chefes, e à devoção de seus soldados, não foi destruída. E conseguiu trazer de volta à Pátria os canhões e as bandeiras que esta lhe havia confiado.

O núcleo principal da coluna partiu de São Paulo, a 10 de abril de 1865, sob o comando do Coronel Manuel Pedro Drago. Foi encontrar-se, três meses depois, em Uberaba, no alto Paraná, com alguns batalhões que o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão levava de Ouro Preto, então capital da província de Minas Gerais. Era, porém, visivelmente insuficiente para enfrentar uma invasão. Foi intenção de seu comandante aumentar-lhe o seu efetivo, de apenas 3.000 homens, com outros contingentes, em Cuiabá, capital de Mato Grosso. Recebeu, porém, ordens de marchar sobre Miranda, que fora ocupada pelo inimigo.

Mudou, portanto, de rumo, chegando a Coxim a 20 de setembro. Dali, partiu para Miranda, que encontrou abandonada e destruída pelos paraguaios. Percorrera 2.112 quilômetros, e perdera um terço de seu efetivo. Ficara reduzida a 2.000 homens.

As febres haviam sido agravadas pelo beribéri, que aumentou o número de vítimas. Por isso, o Coronel Carlos de Moraes Camisão, que assumira o comando da coluna pela morte do Coronel Drago – que não resistira à terça –, levou-a para Nioac, onde eram melhores as condições de salubridade. Chegou, a 24 de janeiro de 1867, forte de apenas 1.600 combatentes, antes sequer de ter enfrentado o inimigo. É que os paraguaios se haviam retirado, no entretempo, para a linha do rio Apa, abandonando a maior parte do terreno conquistado em Mato Grosso. Foi este, aliás, o saldo militar da expedição.

* * *

A prudência mandaria que ali ficasse, à espera de reforços. Mas um conselho de guerra, onde predominou a ousadia de oficiais jovens, decidiu pela ofensiva, embora sem víveres e com pouca munição, quando a coluna paraguaia de 2.000 homens, que tinha pela frente, estava bem servida de cavalaria e gado.

Tivera, entretanto, a expedição, já reduzida à metade do seu efetivo inicial, a sorte de deparar um guia experimentado e bravo, na pessoa de José Francisco Lopes, um fazendeiro mineiro que ali se estabelecerá há anos, a quem os paraguaios haviam levado a mulher e os filhos. Foi ele quem ensinou os caminhos, e a maneira de dominar a natureza hostil. Conseguiu, ademais, de sua fazenda "Jardim" e de outros pontos, o gado para o alimento da tropa. E era para todos um exemplo de pertinácia e bravura.

A 14 de abril, partiu a coluna aos gritos de "Ao inimigo" e "Ao Apa". E, efetivamente, chegaram em breve ao rio, onde se verificou a única escaramuça digna de nota: a tomada da "Machorra" pelos brasileiros.

No dia seguinte, 21 de abril, vadeou o Apa e pôs o pé em território paraguaio, conquistando Bela Vista, que os adversários haviam abandonado em chamas, embora retirando em boa ordem, mas a sua cavalaria, que era boa, começou, então, a fustigar os brasileiros, que já estavam sem munição de boca.

Na expectativa de encontrar suprimento, marchou-se sobre "Laguna", uma fazenda situada quatro léguas além, onde, todavia, só deparou desolação e cinzas. A custo, foram arrebanhadas umas 50 cabeças de gado do trem de abastecimento do inimigo.

Era impossível continuar. Daí, a dolorosa decisão da retirada.

Foi iniciada a 7 de maio, sendo a pequena coluna duramente fustigada pelo inimigo. A 11, foi atravessado o Apa, de regresso. No território brasileiro, deparou, porém, os paraguaios pela frente, pela retaguarda e pelos flancos, tendo de marchar em quadrado, combatendo. O inimigo foi repellido, naquela escaramuça, deixando no campo 184 mortos. Com o estampido e o ruído da batalha, porém, o gado debandou, deixando a tropa praticamente sem alimento. A 15 de maio, já sofria fome. E, a 18, fez aparição a cólera-morbo, que ceifou mais vidas que as balas paraguaias. A 25, foram abandonados, em uma clareira, 122 coléricos, que vieram a ser todos fuzilados pelo inimigo, em desrespeito às leis da guerra, menos um, que conseguiu fugir para contar a trágica história. A 27, morreu o guia Lopes, vítima da peste. No dia 29, chegou a vez do Coronel Camisão e do Tenente-Coronel Juvêncio Cabral de Meneses. Assumiu, então, o comando o Major José Tomás Gonçalves, que era o oficial de maior patente que restava daquele pugilo de bravos.

Conseguiu ele conduzir os remanescentes a Nioac, onde entrou a 6 de junho. Tudo eram ruínas. Fôra também incendiada, como todos os campos que atravessara a coluna naquela retirada, pontilhada toda ela das cenas mais pungentes.

Dali, iniciou-se a marcha para o Aquidauana, 15 léguas além, alcançando-se Porto Canuto, no dia 11, onde, só então, foi possível descansar.

Os paraguaios haviam desaparecido desde o dia 8, receosos talvez da chegada de reforços para os brasileiros. Mas a coluna fora reduzida, segundo o testemunho de Taunay, a apenas 700 homens, depois de uma marcha de 39 léguas, em 35 dias de combate contra a fome, a peste, o deserto e o inimigo.

A Nação recordou com agradecimento o seu sacrifício. O Império fez cunhar para os participantes daquela epopéia a medalha "Constância e Valor". Em 1923, foi-lhes erigida uma coluna, em Nioac, para comemorar "o feito inesquecível daqueles que, acabrunhados por privações inexcedíveis, perseguidos por inimigo cruel e incomparavelmente mais forte, cercados pelo incêndio, dizimados pela cólera e os combates, exinanidos de forças, mas nunca de ânimo, salvaram as bandeiras e os canhões que o Brasil lhes confiara". E, em 1928, levantou-se o grandioso monumento da Praia Vermelha, onde repousam as cinzas que puderam ser recolhidas daqueles heróis.

Mas, neste ano do centenário de 1967, foram esquecidos.



Engenheiros da Expedição:

- 1 - 1º Tenente Chichorro da Gama
- 2 - Tenente-Coronel Miranda Reis
- 3 - 2º Tenente Rocha Fragoso
- 4 - Capitão Pereira do Lago
- 5 - 1º Tenente Catão Roxo
- 6 - 2º Tenente Alfredo de Taunay
- 7 - 1º Tenente J. E. Barbosa



Retrato a óleo, por L. A. Moreaux, do Visconde de Taunay, participante e historiador da Retirada, em uniforme de major, pintado em 1878.



Coronel Carlos Camisão,
Chefe da Expedição

Artigo publicado às páginas 76 e 77 pela Revista "O Cruzeiro", edição de 17/06/1967, de autoria do jornalista Theophilo de Andrade.



- Veja também a Epopéia da Retirada da Laguna, como história em quadrinhos, editado pela Revista Epopéia n° 42, de 1956, pela Editora Brasil-América, uma das mais importantes editoras de história em quadrinhos do Brasil, fundada em 1945.

- Assista em

[http://www.suaaltezaogato.com.br/apt/2012/006_2012_A_Retirada_da_Laguna_\(Em_Quadrinhos\).pps](http://www.suaaltezaogato.com.br/apt/2012/006_2012_A_Retirada_da_Laguna_(Em_Quadrinhos).pps)

